

: INVESTIGAÇÃO

Crianças com multideficiência sem linguagem oral expressiva: formas de comunicação mais utilizadas para formular pedidos

Clarisse Nunes. Educadora de infância

RESUMO:

O estudo procurou saber quais as formas de comunicação usadas por cinco crianças com multideficiência, com idades compreendidas entre os três e os seis anos, na formulação de pedidos e se os adultos compreendiam essas formas de comunicação. Os dados foram recolhidos através da observação directa dos comportamentos das crianças e de entrevistas efectuadas aos educadores de infância.

Os resultados revelaram que as crianças com multideficiência usavam, basicamente, formas de comunicação não simbólica para formular pedidos e raramente os faziam na ausência dos itens que desejavam. Os pedidos formulados relacionaram-se sobretudo com a regulação dos comportamentos e a interacção social. Os resultados indicaram ainda que os adultos tinham dificuldade em responder positivamente às formas de comunicação usadas pelas crianças, levando-as a ter relativamente poucas oportunidades comunicativas e, conseqüentemente, escassas oportunidades de aprendizagem.

Comunicar faz parte da essência do ser humano, seja para expressar sentimentos, partilhar informação, dizer piadas, fazer pedidos, protestar, fazer escolhas ou interagir com os outros. Como refere Trenholm (1999, pág. 22), a comunicação “é um processo através do qual as pessoas atribuem significados a estímulos, de modo a dar sentido ao mundo” e é vital para o desenvolvimento saudável das crianças, em virtude das trocas que mantém e assumem com o meio-ambiente, e para o estabelecimento de uma vida com qualidade, contribuindo para a autoconfiança e o divertimento.

A comunicação humana implica interacções com pessoas e objectos e envolve acções, palavras, sons, sorrisos, gestos, posturas, movimentos e expressões corporais, é o modo como o Homem se exprime, trabalha, se diverte e ama. Esta é uma competência essencial para se estabelecer uma relação com o mundo envolvente e construir relações afectivas que permitam fazer e conservar amigos. Quanto maior for a capacidade para comunicar, mais controlo e conhecimentos se tem sobre o meio envolvente. Esta é uma capacidade imprescindível à vida de todos os indivíduos, porém alguns apresentam especiais dificuldades neste domínio, como é o caso das crianças com multideficiência.

A combinação de acentuadas limitações em diversos domínios¹ impossibilita as crianças com multideficiência de aceder à linguagem oral como principal forma de comunicação. O facto de a maioria das crianças com multideficiência não utilizar a linguagem oral

¹ Cognitivo, motor, sensorial (visão ou audição) e saúde física

como principal forma ou meio de expressão, leva-as a experienciar inúmeras dificuldades no processo de interacção com o mundo que as rodeia. Amaral (2002) reforça este aspecto ao afirmar que a ausência do uso de formas de comunicação convencionais interfere no processo comunicativo e cria dificuldades adicionais no estabelecimento de interacções significativas e no processo de aprendizagem. Este aspecto limita-lhe o acesso à informação e restringe-lhe o conhecimento do que se passa à sua volta.

Independentemente da extensão e severidade das limitações que as crianças com multideficiência apresentam, elas têm direito a poder influenciar, através da comunicação, as suas condições de existência. A comunicação tem de constituir a primeira prioridade e o centro de toda a intervenção, dado ser uma capacidade essencial para a aprendizagem ocorrer (Downing, 1999) e permitir melhorar a qualidade de vida. Os parceiros são desafiados a identificar as formas de comunicação que as crianças com multideficiência usam para comunicar, de modo a poder responder-lhes adequadamente e a estabelecer interacções comunicativas que as ajudem a ter mais acesso à informação existente nos ambientes. O uso de formas de comunicação menos convencionais são de mais difícil reconhecimento, sendo comuns esses comportamentos (comunicativos ou potencialmente comunicativos) não obterem resposta. As ausências de respostas acabam por dificultar o desenvolvimento das competências comunicativas e das interacções sociais, diminuindo assim as oportunidades de aprendizagem. Por isso, é de extrema importância o adulto

identificar as formas de comunicação usadas pelas crianças com multideficiência nas interacções comunicativas e perceber as respectivas intenções. Como refere Amaral (2002, págs. 9-10), “a partilha das formas de comunicação e a compreensão dos tópicos de comunicação são instrumentos necessários a uma comunicação eficaz”, a qual “constitui uma poderosa ferramenta para aceder ao mundo e para estabelecer interacções”.

Para que os adultos, nomeadamente os pais e os educadores de infância, possam ajudar as crianças com multideficiência a desenvolver as competências comunicativas e proporcionem oportunidades de aprendizagem é indispensável conhecerem as formas de comunicação que utilizam, incluindo as mais subtis (Stillman e Siegel-Causey, 1989), bem como saber quais são as suas intenções comunicativas, nomeadamente em termos da realização de pedidos. Identificando esses comportamentos é possível responder-lhes adequadamente.

Com base nos argumentos descritos foi realizado um estudo que pretendeu saber:

1. Quais as formas de comunicação mais utilizadas na formulação de pedidos, pelas crianças com multideficiência e sem linguagem oral expressiva;
2. Se as formas de comunicação utilizadas pelas crianças com estas características variavam de acordo com o tipo de pedidos formulados e, em caso afirmativo, quais eram essas formas de comunicação;
3. Se os adultos que trabalhavam com as crianças com multideficiência compreendiam os comportamentos comunicativos usados na formulação de pedidos.

Participantes no estudo

Participaram neste estudo cinco crianças com multideficiência, com idades compreendidas entre os 3 anos e 7 meses e os 5 anos e 6 meses e frequentavam estabelecimentos de educação pré-escolar. As suas limitações e as suas dificuldades decorriam de problemas neurológicos graves. Dependendo da respectiva magnitude e extensão das lesões neurológicas, este grupo de crianças apresentava limitações mais ou menos acentuadas no seu funcionamento motor, cognitivo, sensorial e comunicativo. Algumas apresentavam igualmente problemas relacionados com a saúde física. As limitações apresentadas restringiam o acesso ao meio-ambiente (incluindo pessoas e objectos) e levava-as a precisar da ajuda física do adulto para interagir com os objectos e materiais e para participar nas actividades.

Em termos do funcionamento comunicativo, todas as crianças comunicavam de forma não verbal, em algumas situações, para manifestar sentimentos de agrado e desagrado, formular alguns pedidos básicos e fazer rejeições. Nenhuma delas usava a linguagem oral para se expressar, embora três evidenciassem compreender a linguagem oral quando usada em contextos naturais. As competências comunicativas situavam-se entre os níveis designados por Rowland e Stremel-Campbell (1991) como *comportamentos pré-intencionais*² e *comunicação simbólica concreta*³.

Os educadores de infância que trabalhavam com este grupo de crianças tinham muita experiência profissional, mas escassa experiência no trabalho com crianças com multideficiência e poucos conhecimentos específicos nesse domínio.

² Comportamentos que ainda não têm a intenção de condicionar o comportamento do parceiro. É o parceiro que tem de inferir a intenção desses comportamentos.

³ A criança usa uma quantidade restrita de símbolos concretos para representar entidades do seu ambiente.

Procedimentos metodológicos

O estudo utilizou uma triangulação de métodos de recolha de dados, na qual se incluiu: i) a análise dos documentos existentes nos processos das participantes (dados de estrutura); ii) a observação dos comportamentos comunicativos e potencialmente comunicativos das participantes neste estudo e iii) as entrevistas aos educadores de infância titulares do lugar e dos apoios educativos que trabalhavam com as crianças observadas.

A *análise de documentos* constituiu a primeira forma de recolha de dados e foi utilizada, nomeadamente, na escolha das participantes.

A *observação* das crianças no contexto educativo constituiu o principal instrumento de recolha de dados. As observações foram realizadas através de gravações em vídeo e focalizaram-se no processo comunicativo, isto é, observou-se os comportamentos comunicativos usados pelas crianças para fazer pedidos em situação de interacção com o adulto, no contexto educativo (interior e exterior do estabelecimento de educação). As observações efectuadas foram de base ecológica centradas em experiências e actividades naturais.

As *entrevistas* semiestruturadas aos educadores de infância titulares do lugar e dos apoios educativos foram realizadas individualmente a cada entrevistado dentro do contexto educativo, após a concretização das primeiras sessões de observação.

Análise dos dados

Os dados da *observação* depois de codificados foram transcritos para grelhas de registo dos comportamentos. Foram seleccionados, em cada actividade ou situação observada, os momentos em que: i) as participantes manifestavam claramente comportamentos comunicativos para pedir algo e obtinham resposta por parte do outro, ii) os participantes manifestavam claramente comportamentos comunicativos para pedir algo e não obtinham resposta por parte do outro; iii) os comportamentos dos sujeitos foram interpretados pelo adulto como pedidos, mesmo que não tenha havido intenção por parte do

participante e iv) os participantes manifestavam comportamentos que tinham potencialidades de serem considerados pedidos. Concluído este procedimento procedeu-se à transcrição dos dados para a grelha de registo e à respectiva análise.

Foi efectuada a análise de conteúdo às *entrevistas* e para o registo dos dados decorrentes desta análise foram elaboradas grelhas de análise.

Resultados do estudo

As participantes neste estudo foram observadas em 144 actividades ou situações, distribuídas por quatro blocos de actividades: i) actividades orientadas (AO); ii) actividades livres (AL); iii) actividades de rotina diária (ARD) e iv) actividades preferidas (AP). O tempo total de observação correspondeu a 1544 minutos (25 h 44m) de registos em vídeo.

A análise dos dados demonstrou a existência de comportamentos com a função comunicativa de pedidos em 125 das 144 actividades observadas, mais precisamente em 970 minutos, correspondendo a 63% do tempo total de observação. A maior parte desses comportamentos ocorreu em actividades integradas na categoria designada de AO, seguiu-se o grupo de actividades denominado ARD. As categorias correspondentes às AL e às AP foram as que registaram menor percentagem de tempo.

Tipologia dos comportamentos observados

A maioria, 76%, dos comportamentos comunicativos apresentados pelas crianças para formular os pedidos envolviam movimentos dos membros, da cabeça, dos olhos, do tronco e da face (como as expressões faciais), enquadrando-se na tipologia motora.

A produção de sons vocais, não relacionados com a fala, tais como o riso, o choro e os suspiros e os sons que usavam consoantes e vogais corresponderam a 18% dos comportamentos observados na formulação de pedidos (tipologia vocal). Estas duas tipologias (motora e vocal) englobaram 94% dos comportamentos manifestados pelas cinco crianças estudadas.

: INVESTIGAÇÃO

Observaram-se ainda alguns comportamentos que envolveram a produção de sons silábicos, os quais se assemelhavam a palavras e representavam, ou podiam representar, uma entidade (tipologia pré-verbal) e comportamentos que usavam gestos convencionais, mesmo quando não eram executados correctamente (tipologia gestual). Os comportamentos pré-verbais foram observados com mais frequência do que os incluídos na tipologia gestual.

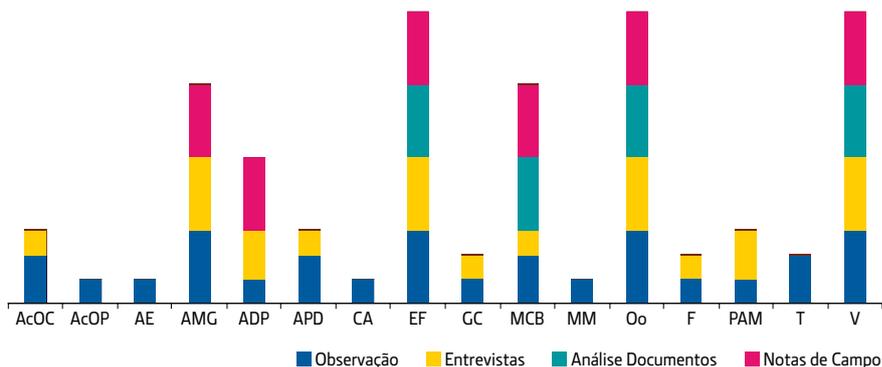
Comportamentos comunicativos mais utilizados na formulação de pedidos e tipo de pedidos efectuados

As formas de comunicação usadas com mais frequência na formulação de pedidos foram: a «Orientação do olhar» (Oo); as «Vocalizações» (V); as «Expressões faciais» (EF) e a «Agitação motora generalizada» (AMG). As crianças estudadas utilizaram também, com frequência, as seguintes formas de comunicação: «Acção na direcção de pessoas» (ADP); «Assume posições e deslocações» (APD); «Movimentos da cabeça e da boca» (MCB); «Toque» (T); «Acção e manipulação de objectos e do próprio corpo» (AcOC) e «Pausa ou ausência de movimentos» (PAM). Utilizaram ainda menos frequentemente «Gestos convencionais» (GC); «Comportamentos agressivos ou auto-agressivos» (CA); «Movimentos dos membros» (MM); «Afastamento e evitamento» (AE), «Acção sobre os objectos para interagir com pessoas» (AcOP) e «Fala e *Protofala*» (F). Estes resultados podem ser visualizados na figura n.º 1.

A maioria, 70%, das formas de comunicação acima descritas foram observadas no decorrer de actividades integradas nos blocos designados de «Actividades orientadas» (AO) e «Actividades de rotina diária» (ARD) e 30% no decurso de «Actividades livres» (AL) e de «Actividades preferidas» (AP).

As formas de comunicação observadas foram usadas na formulação de 12 tipos de pedidos, sendo que 41% enquadraram-se no grupo dos considerados mais elementares. O «pedido de atenção ou de interacção social» (P.At.) foi o mais formulado pelas crianças estudadas,

Fig.1 Formas de comunicação mais usadas na formulação de pedidos



correspondeu a 28%, seguindo-se o «Pedido para parar ou cessar» (P.P.), ilustrador de 13% das situações. Considera-se que o «P.At.» é especialmente relevante para o estabelecimento de interacções comunicativas, pois segundo Rowland e Stremel-Campbell (1991) o chamar a atenção constitui uma das capacidades mais básicas para o estabelecimento de uma interacção dual.

Foram também formulados frequentemente «Pedidos de Actividade» (P. Act.), «Pedidos de Mais» (P. +) e «Pedidos de Objectos» (P. Obj.). Estes pedidos e os atrás mencionados corresponderam a 72% do total de pedidos observados, os quais se relacionaram, essencialmente, com a regulação dos comportamentos dos outros e a interacção social (Chen, 1999).

Observaram-se ainda pedidos de: «Afecto» (P. Af.), «Mudança de posicionamento» (P. Mp.), «Alimento e bebida» (P. AB) e «Outro» (P. O), correspondendo a 25% dos pedidos realizados. Os pedidos menos solicitados foram: o «Pedido de pessoas» (P.Ps), o «Pedido de ida para a rua» (P.R) e o «Pedido de ajuda» (P. Aj.), representando somente 3% das situações. Não foram observados quaisquer «Pedidos de informação» (P. Inf.), de «Atenção para outros» (P. At.O) e de «Interacção no jogo» (P. Int.).

Os comportamentos usados para obter a atenção dos outros para partilhar eventos ou

entidades foram praticamente inexistentes neste grupo de crianças, existindo escassos pedidos ligados à atenção conjunta.

Embora a maioria dos pedidos tenha sido formulada através de diversas formas de comunicação, algumas foram usadas basicamente para formular pedidos específicos, como por exemplo o «Toque», usado essencialmente para formular pedidos de «afecto» e de «continuação» e a «Fala ou *protofala*» muito utilizada na formulação de pedido de alimento ou bebida.

Os pedidos formulados mais frequentemente por cada uma das formas de comunicação observadas foram:

- A «Orientação do olhar» (Oo) foi a forma de comunicação mais utilizada em oito dos 12 pedidos formulados, de entre os quais se salientam: o «pedido de atenção ou interacção social», o «pedido de actividade», o «pedido de objecto», o «pedido de mais», o «pedido de pessoas» e o «pedido de ajuda».
- As «Vocalizações» (V) foram utilizadas na formulação de pedidos muito variados, destacando-se, no entanto, o uso para formular «pedidos de atenção ou de interacção social».
- Os «Gestos convencionais» (GC), embora tivessem sido usados para realizar vários tipos de pedidos, onde teve maior expressividade foi na formulação do «Pedido de

outro», nomeadamente o de uma canção específica.

- A forma de comunicação «Afastamento ou evitamento» (AE) foi usada basicamente no pedido para «parar ou cessar».
- A «Acção e manipulação de objectos e do próprio corpo» (AcOC) foi utilizada na maioria das situações para formular pedidos de «actividades», de «objectos» e de «atenção ou de interacção social».
- A «Acção na direcção de pessoas» (ADP) foi muito usada no «pedido de afecto», embora tenha sido usada para formular outros tipos de pedidos, nomeadamente o «pedido de actividade» e o «pedido de mais». Esta forma de comunicação e a anterior foram usadas na formulação de seis tipos de pedidos diferentes.
- A «Movimentos dos membros» (MM) foi usada com mais persistência para fazer pedidos de «actividades» e de «mais».
- A «Movimentação da cabeça e da boca» (MCB) foi usada essencialmente para pedir mais (P.+), nomeadamente de mais actividades.
- As «Expressões faciais» (EF) foram utilizadas numa grande variedade de pedidos, nomeadamente para os: «pedido para parar ou cessar», «pedido de outro», «pedido de mudança de posicionamento» e «pedido de atenção ou de interacção social».
- A forma de comunicação «Comportamentos agressivos ou auto-agressivos» foi usada apenas para formular pedidos de afecto e de mais.
- O comportamento comunicativo «Assume posições e deslocações» (APD) foi o mais utilizado no «pedido de actividade» e no «pedido de ida para a rua».
- A «Agitação motora generalizada» (AMG) foi muito usada no «pedido de atenção ou de interacção social», no «pedido de mudança de posicionamento» e no «pedido de pessoas».
- A «Acção sobre os objectos para interagir com pessoas» foi observada basicamente para formular o «pedido de outro».
- A «Pausa e ausência de movimentos» foi utilizada essencialmente para formular o «pedido de ajuda».

Respostas dos adultos aos comportamentos comunicativos observados

As respostas dos adultos aos comportamentos da criança são fundamentais para o respectivo desenvolvimento das capacidades comunicativas. Como diz Amaral (2002), é a eficácia mútua nas interacções entre a criança e o adulto que conduz ao sucesso do desenvolvimento comunicativo.

Neste estudo, ligeiramente mais de metade dos comportamentos usados para formular pedidos obtiveram resposta positiva por parte do adulto. A análise dos dados indica que os adultos sentiram dificuldades na compreensão dos comportamentos comunicativos apresentados pelas crianças. As respostas positivas disseram respeito às situações em que os comportamentos das crianças foram reconhecidos e interpretados pelo adulto (parceiro) como sendo pedidos, incluiu as situações em que o adulto percebeu que as crianças pretendiam algo, mas não compreendeu exactamente o quê. As respostas negativas corresponderam às situações em que, embora as crianças tenham manifestado comportamentos comunicativos indicadores de que desejavam algo, esses comportamentos não foram identificados como comunicativos pelo adulto.

As respostas dos adultos variaram de pedido para pedido. Conclui-se que dos 12 tipos de pedidos formulados, em sete a maioria dos adultos respondeu de uma forma positiva. Um dos pedidos a obter uma elevada percentagem de respostas positivas, 93%, foi o «Pedido de Pessoas» (P.Ps), embora tenha sido pouco solicitado por parte das crianças observadas.

Os comportamentos usados para formular o «Pedido de afecto» (P. Af.) foram também na maior parte (81%) das situações entendidos pelos adultos. Dado que as formas de comunicação mais usadas foram o «Toque» (T), a «Acção na direcção de pessoas» (ADP), a «Orientação do olhar» (Oo) e as «Expressões faciais» (EF), infere-se que os adultos tiveram facilidade em as compreender, na maioria das situações.

O «Pedido de atenção ou de interacção social» (P.At.) foi o que os adultos manifestaram ter mais dificuldades em compreender, embora alguns dos educadores de infância evidenciassem não ter consciência dessa dificuldade. Os adultos manifestaram sentir também dificuldade na compreensão dos pedidos de: «mudança de posicionamento» (P.Mp), «ida para a rua» (P.R), «outro» (P. O) e «alimento e bebida» (P.AB). Considera-se estes pedidos muito básicos, nomeadamente o relacionado com a alimentação. Dadas as características das crianças em estudo, julga-se igualmente relevante o pedido ligado à mudança de posição, sendo o segundo a obter menor percentagem de respostas positivas (31%). Neste grupo de pedidos, os valores de respostas negativas variou entre os 64% e os 69%.

As formas de comunicação mais usadas para formular estes pedidos foram as «Vocalização» (V), a «Agitação motora generalizada» (AMG), a «Orientação do olhar» (Oo) e as «Expressões faciais» (EF), deduzindo-se que os adultos tiveram dificuldades na identificação e interpretação destes comportamentos comunicativos, nomeadamente o comportamento «AMG», como afirmaram os próprios educadores.

Houve outros tipos de pedidos que obtiveram mais respostas positivas do que negativas, como foi o caso dos pedidos de: «parar ou cessar» (P.P), «actividade» (P.Act.), «ajuda» (P. Aj.), «objecto» (P. Obj.) e «mais» (P.+).

Conclusões do estudo

As crianças estudadas formularam pedidos na maioria das actividades observadas, embora algumas pareçam ser mais favoráveis à formulação de pedidos do que outras (por exemplo, as actividades preferidas). Quando os adultos se preocuparam em adequar as actividades às características e às necessidades das crianças e lhes prestaram atenção individualizada existiram mais oportunidades para formular pedidos. Todavia, quando as actividades não sofreram adequações as crianças observadas estiveram apenas pre-

: INVESTIGAÇÃO

sentes fisicamente, considerando-se que nestas situações as actividades não levaram as crianças com multideficiência a estabelecerem interacções comunicativas promotoras do desenvolvimento cognitivo e social.

Muitos dos pedidos formulados pelas crianças com multideficiência se relacionaram, sobretudo, com a regulação dos comportamentos dos outros e com a interacção social. Os pedidos formulados foram elementares e efectuados, basicamente, através de formas de comunicação não simbólica.

As capacidades motoras exercem enorme influência no modo como se age sobre o meio ambiente e se interage com as pessoas e os objectos e a capacidade visual desempenha um papel importantíssimo no processo comunicativo, pelo que a combinação de acentuadas limitações no funcionamento motor e visual torna o processo comunicativo da criança com multideficiência mais complexo. As formas de comunicação usadas pelas crianças, neste estudo, para formular pedidos leva-nos a concluir que a orientação do olhar e os movimentos adquirem especial importância no processo comunicativo das crianças com multideficiência. Alguns podem ser muito específicos e pouco claros e uns são mais difíceis de reconhecer como tendo valor comunicativo do que outros, dependendo estes das capacidades individuais de cada criança, das experiências que lhes proporcionam e das respostas que obtêm dos que com elas interagem.

Os pedidos foram formulados na presença dos objectos, das pessoas e das actividades, sendo raro observar-se a formulação de pedidos na ausência dos eventos. A maioria das crianças não dispunha de formas de comunicação que possibilitassem formular pedidos de itens que não estavam presentes no seu ambiente.

As formas de comunicação mais utilizadas para formular os diversos pedidos foram: a «Orientação do olhar», as «Expressões faciais», as «Vocalizações» e a «Agitação motora generalizada», sendo de destacar a «Orientação do olhar» para pessoas, objectos ou espaços. Esta última forma de comu-



nicação foi usada frequentemente para pedir «atenção ou interacção social», «actividade», «objecto» e «mais», concluindo-se ser esta uma forma de comunicação de extrema importância no estabelecimento da interacção comunicativa.

O «toque» é uma forma de comunicação considerada muito elementar e demonstrou ser muito importante, especialmente para formular o «pedido de afecto» e de «mais». Implica uma grande proximidade física entre o adulto e as crianças, pelo que quando o adulto não se encontra ao alcance físico das crianças muito dificilmente estas poderão formular estes pedidos. Dada a importância que tem o afecto para o desenvolvimento saudável do ser humano, julga-se ser especialmente relevante o seu reconhecimento e interpretação, por parte do adulto.

Uma vez que o pedido mais formulado foi

o de «atenção ou de interacção social», podemos inferir que a atenção despendida às crianças com multideficiência do estudo não era a adequada às suas necessidades. As crianças estudadas sentiram, frequentemente, necessidade de repetir os comportamentos para que as suas intenções comunicativas fossem compreendidas. Os adultos revelaram mais facilidade em responder aos comportamentos das crianças quando persistiam nos pedidos que formulavam.

Nomeadamente quando as crianças funcionam a um nível elementar, em termos comunicativos, as maiores dificuldades sentidas pelos adultos foram: i) serem capazes de reconhecer que os comportamentos podiam ter valor comunicativo, sobretudo quando estes ainda não são intencionalmente comunicativos; ii) interpretar ou reconhecer as suas intenções; iii) responder aos comportamen-



tos de forma consistente e iv) proporcionar oportunidades suficientes para as crianças desenvolverem as capacidades comunicativas em diversos contextos. Estas dificuldades parecem influenciar a eficácia e a qualidade das interacções comunicativas estabelecidas entre ambos e leva a que as oportunidades de aprendizagem sejam mais escassas para as crianças com multideficiência.

Conclui-se que as crianças acabam por ter pouco controlo sobre o que se passa à sua volta, pelo que mesmo as decisões mais elementares sobre a satisfação de necessidades e desejos acabam por serem tomadas pelo adulto. As crianças só tinham possibilidades de formular pedidos quando o adulto se encontrava por perto e na presença das situações concretas, o que reduziu as oportunidades para estabelecer interacções comunicativas.

Pode-se inferir que a comunicação não constituiu, na maioria das situações, uma prioridade na intervenção educativa planeada para as crianças estudadas e muito menos o desenvolvimento desta competência. A comunicação não fazia parte das prioridades de intervenção, nem do plano de trabalho desenvolvido pela maioria dos profissionais e as oportunidades comunicativas não pareciam ser alvo de planificação. Os adultos evidenciaram centrar a sua intervenção no desenvolvimento de capacidades relacionadas com a compreensão da linguagem verbal e não nas ligadas ao modo como as crianças expressavam os desejos, pensamentos e necessidades.

O desenvolvimento das capacidades comunicativas, nomeadamente a intencionalidade comunicativa, pressupõe que os adultos reconheçam, interpretem e respondam aos comportamentos das crianças e existam oportunidades de interacção. A não resposta aos comportamentos comunicativos limita o desenvolvimento das crianças e compromete o acesso à aprendizagem.

Os resultados deste estudo ressaltam o importante papel desempenhado pelos parceiros de comunicação no reconhecimento dos comportamentos, na interpretação das suas

intenções e na resposta que dão a esses comportamentos. A menos que os parceiros aprendam a comunicar mais eficazmente com as crianças multideficientes, compreendem a importância que a comunicação tem no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e sociais e que a comunicação é uma área fundamental a desenvolver nos programas individuais destas crianças, as suas necessidades básicas não serão atendidas.

Perante as dificuldades manifestadas pelos adultos em responder aos comportamentos comunicativos das crianças estudadas, infere-se que necessitam de formação especializada na área de modo a ajudá-los a responderem adequadamente às necessidades comunicativas das crianças com multideficiência.

Recomendações pedagógicas

Recomenda-se que os adultos tenham mais disponibilidade para dar apoio individualizado às crianças com multideficiência, de modo a poderem prestar atenção às respectivas tentativas de comunicação e poderem responder adequadamente. Para responder positivamente às tentativas de comunicação manifestadas pelas crianças pode ser útil usar instrumentos de registo específicos para o efeito. Importa ainda assinalar que é essencial os parceiros de comunicação prestarem atenção às formas de comunicação não simbólica usadas pelas crianças com multideficiência, nomeadamente as relacionadas com o olhar e com os movimentos menos claros, especialmente os ligados à «Agitação motora generalizada».

É preciso expandir o uso dessas formas de comunicação a contextos mais diversificados, de modo a ajudar as crianças com multideficiência a interagirem de uma forma activa e significativa com pessoas e objectos, a tomarem decisões, fazerem escolhas e terem algum controlo sobre os ambientes onde se encontram.

Importa ainda realçar a necessidade do adulto proporcionar oportunidades para as crianças aprenderem a formular pedidos

mais diversos e não apenas os mais elementares, pedidos que impliquem não somente a regulação dos comportamentos e a interacção social, mas também a atenção conjunta. Existem pedidos que as crianças não conseguem formular se não forem criadas oportunidades e se não forem ensinadas a formulá-los. Recomenda-se que os adultos ensinem as crianças a formular pedidos de itens ausentes. O uso de tecnologias de apoio de auxílio à comunicação pode ajudar a adquirir esta competência, especialmente para as crianças que apresentam graves limitações no funcionamento motor. Esta competência pode ainda ser ensinada através do uso de objectos reais, de partes do objecto, de imagens, de fotografias, de desenhos ou de símbolos pictográficos, se as crianças manifestarem capacidades cognitivas e visuais para tal.

Julga-se ainda imprescindível a partilha de conhecimentos entre os docentes e os familiares das crianças com multideficiência, pois dessa forma são criadas oportunidades para as crianças comunicarem, eficazmente, em mais contextos e é facilitado o estabelecimento de relações afectivas e sociais entre as crianças e os seus familiares.



BIBLIOGRAFIA

- Amaral, I. (2002). *Characteristics of communicative interactions between children with multiple disabilities and their non-trained teachers: effects of an intervention process*. Tese de doutoramento, não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto. Porto.
- Chen, D. (Ed.). (1999). *Essential Elements in Early Intervention visual impairment and multiple disabilities*. AFB PRESS. New York.
- Downing, J. D. (1999). *Teaching Communication Skills to Students with Severe Disabilities*. Paul Brookes Publishing Co., Inc. Baltimore.
- Rowland, C. e Stremel-Campbell, K. (1991). *Innovative program Design for Individuals with Dual Sensory Impairments*. Paul Brookes Publishing Co., Inc. Baltimore.
- Stillman, R. e Siegel-Causey, E. (1989). *Introduction to Nonsymbolic Communication*. in: E. Siegel-Causey e D. Guess. *Enhancing Nonsymbolic Communication Interaction among Learners with Severe Disabilities*. Paul Brookes Publishing Co., Inc. Baltimore.
- Trenholm, S. (1999). *Thinking through Communication an introduction to the study of human communication*. Segunda Edição. Needham Heights. Allyn and Bacon.